

# FESTA A CAVALOS – UM ESTUDO DA MEMÓRIA COLETIVA DA CIDADE DE BONFIM-MG

Rodrigo Fraga Galvão<sup>31</sup>  
Francisco Pereira Smith Júnior<sup>32</sup>

## RESUMO

O presente artigo faz uma leitura reflexiva a respeito da festa de Bonfim em Minas Gerais, apresenta um estudo da memória da festividade associado a uma interpretação antropológica que busca por entender a heterogeneidade e complexidade interna do universo festivo de Bonfim. Uma relação entre o passado e o presente da cidade para construir um melhor entendimento da atual condição da festividade. Para este estudo foram utilizados principalmente as referências teorias de Candau (2012) e Halbwachs (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** antropologia, carnaval, Bonfim.MG

## ABSTRACT

This article is a reflective about the party Bonfim in Minas Gerais, presents a study of the memory of the festival associated with an anthropological interpretation that seeks to understand the heterogeneity and complexity of internal festive universe of Bonfim. A relationship between the past and the present of the city can built a better understanding of the actual condition of the festival. For this study was used the theories of Candau (2012) e Halbwachs (2006).

**KEYWORDS:** anthropology, carnival, Bonfim.MG

*“O que jamais mudará em nosso carnaval é o clima de alegria e inocência que permeia o espírito de cada cavaleiro e amazona, de cada expectador, de cada turista, enfim, de cada bonfiense que se orgulha muito de ter a tradição do “Carnaval a Cavalos” e que faz e fará de tudo para que tal tradição nunca deixe de existir.”*

**Grupo Carnavalesco de Bonfim.MG**

125

As pesquisas e estudos em torno da festa de Bonfim são variados, isso porque o tema mobiliza as disciplinas humanas e a sociedades de modo geral em entender esse fenômeno cultural da cidade, que é a festa a cavalos. Para Freud (1913), a ideia de festa associa-se aos excessos e transgressões permitidas que estivessem na base das expressões coletivas de alegria. Já para Durkheim (1912) à força criadora exercida pela efervescência social sobre a própria consciência humana. Para Bakhtin (1987), a festa, intimamente ligada à ideia de carnaval, é forma primordial da civilização humana a abrigar o princípio transcendente do cômico ridículo. Este artigo propõe a compreensão da festa, do carnaval em cavalos, não como instituição autônoma, mas como atividade ritual a compartilhar características chaves com outras atividades e condutas simbólicas. A compreensão de sua natureza, e mesmo de seus traços peculiares, inscrevem-se, assim, no amplo campo das teorias antropológicas do ritual.

Nessa perspectiva, alguns pontos básicos despertam um novo ponto de partida na abordagem das festas e têm sido experimentados de modo criativo na antropologia brasileira. A ideia de que os rituais são portas de entrada privilegiadas para a compreensão das sociedades humanas e de que o mundo festivo e o mundo cotidiano se complementam de modo múltiplo nas festas.

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

31 Mestrando em Planejamento Urbano e Meio ambiente – UNAMA.

32 Doutor em Desenvolvimento sustentável do Trópico úmido – NAEA – UFPA.

Como rituais, ou seja, agregados de comportamentos simbólicos, as festas, realizam, com a linguagem dos símbolos. Valeri (1994): articula, desarticula e rearticula aspectos do cotidiano, de experiências históricas, de correntes de tradição, e operam de forma múltipla e involuntária na experiência social. Entende-se que é sempre a pesquisa e a análise etnográfica que irão nos propor as chaves de sua compreensão. Elas podem estimular o trabalho reflexivo, produzir reinterpretções, críticas, reformulações, ou reiterações; propiciar aprendizagem de códigos sociais; estimular a produção de novas informações e perspectivas. Atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem distintas origens étnicas; entre o sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face das coletividades que se superpõe a essas diferenças.

A experiência brasileira das festas, assim como ocorre em Bonfim.MG emerge e contrasta fortemente com tal paisagem nostálgica. A vitalidade contemporânea das festas na cultura popular brasileira busca raízes na história mesma da constituição do país como nação.

O impacto da atuação do Movimento Folclórico Brasileiro foi de suma importância para a consagração de certas expressões populares como especialmente características de uma originalidade cultural nacional. No amplo conjunto de iniciativas então empreendidas em prol do conhecimento e valorização das expressões populares, vale destacar a relevância do estudo dos carnavais à cavalo, compreendidos como uma totalidade viva que articulava no ambiente festivo uma variedade de formas expressivas. O estudo do carnaval permitia a apreensão da dinâmica e do caráter contemporâneo das expressões festivas, mostrando a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana (Carneiro, 1982). Entendido como objeto em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e expressamente adaptado ao presente - um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento.

Da década de 80 em diante, o estudo do universo festivo brasileiro, com sua imensurável riqueza, variedade e heterogeneidade interna, vem se expandindo de modo notável na antropologia brasileira, em especial, a partir do ano 2000, assim como a expansão e reconfiguração dos discursos de patrimônio abarcaram decididamente o tema reforçando o interesse antropológico pelo assunto. Ferretti (1995) mensura que o universo festivo sendo religioso ou não, mais ou menos profano, urbano ou rural é possível dizer que, no Brasil, grande parte das festas encontrou abrigo e ambiente de formação no quadro temporal do calendário cristão de fundo católico, ao qual se acomodaram diferentes tradições étnicas e culturais. A variedade das festas abrange vastos universos bibliográficos e contextos históricos e etnográficos muito particulares, como é o caso do Carnaval e das cavalarias medievais.

Sobretudo hoje, as festas possuem aspectos espetaculares. Como espetáculo, com sua música, teatralidade e sensualidade, ela distingue aqueles que participam ativamente, impondo ao mesmo tempo a participação, o estar-junto, caracterizado pelo abandono de si na confusão com o outro. Contraditoriamente, a festa reúne angústia e alegria, prazer e dor, regozijo e violência, sagrado e profano, ordem e desordem. Desse modo, compreende-se que a “desordem festiva, o tumulto festivo, a violência festiva são fundadores, criadores da própria humanidade” (PEREZ, 2002, p.29). Assim, a festa constitui, como uma série de formas de sociação e de sociabilidade, ou seja, de formas de “estar-junto jogando na sociedade”.

126

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

## FESTA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM BONFIM. MG

Considerada pelos moradores locais, o carnaval em Bonfim.MG é uma festa pagã. Sua origem, no passado, foi a cavalhada. A cavalhada é uma festa religiosa e representa a Guerra Santa entre mouros e cristãos, pela conquista da Península Ibérica. Os cristãos, na cavalhada, se revestem de azul da cor do céu, representando o bem e os mouros de vermelho representado o mal. Nesta representação de guerra, os cristãos sempre vencem. O objetivo é transmitir uma mensagem religiosa bem óbvia: o bem sempre vence o mal, uma espécie de mensagem medieval, uma herança clerical que faz do homem o representante de Deus.

A cavalhada foi trazida, no passado, para Bonfim.(MG) por um Padre chamado Chiquinho, um europeu de Portugal. Era uma festa religiosa, normalmente realizada em junho, em todo país, em lugares como *Amarantina*, *Caeté*, *Pirinópolis* e no interior do estado de Alagoas. Entretanto, no passado, apareceu um Bispo da Igreja Católica, do qual não se sabe o nome, que proibiu a cavalhada em Bonfim.

Alguns cavaleiros, revoltados com a decisão do Bispo, decidiram realizar a cavalhada, em uma data não religiosa. Nascia, assim, em meados de 1840, o carnaval a cavalo. Sem a tutela forte da Igreja Católica a Cavalhada foi se modificando. As fantasias mudaram de cor, passaram a ser de várias cores. Foram introduzidos os confetes e as serpentinas. Simbolicamente, o som sinistro das cornetas e trombetas foi trocado pelo som empolgante da banda de música, o som mortal dos canhões pelo empipocar alegre dos foguetes, o fio afiado dos sabres e das baionetas pelo desenrolar alegre das serpentinas, o silvar cortante das balas pelo estremilhar saltitante dos confetes, o som ensurdecedor das bombas pelo tilintar incessante dos guizos, enfim, em Bonfim, transformaram a festa religiosa e guerreira da cavalhada na festa alegre e pagã do carnaval a cavalo.

127

Hoje, a festa a cavalos em Bonfim.MG possui não só homens como integrantes mas também mulheres e crianças fazendo parte de um evento de caráter turístico para a elevação da economia da cidade e tais personagens são integrantes de famílias tradicionais.

Figura 1: Cavalaria de Bonfim.MG



Fonte: Inventário de Proteção ao Patrimônio Cultural de Bonfim.MG

A história do Carnaval a cavalos no interior do estado das Minas Gerais, possui outras versões, segundo o Inventário de Proteção ao Patrimônio Cultural de Bonfim(MG), o carnaval a cavalos teve sua origem na metade do século XIX, como corrida de cavalos introduzida na antiga Vila de Bonfim por um padre chamado Francisco. Com o passar dos anos, a corrida se transformou em Cavahada, uma simulação de guerra, trazendo como objetivo geral elevar a Igreja Católica e atrair fiéis, os cavaleiros derrotados imploravam pelo batismo como forma de perdão pelo ocorrido. Tal festa ocorria sempre nos dias 21 e 22 de julho.

Ainda segundo o Inventário de Proteção ao Patrimônio Cultural de Bonfim (1999) as casas eram enfeitadas com colchas coloridas anunciando a entrada dos cavaleiros com o badalar dos sinos das Igrejas, os cavalos seguiam o mesmo padrão de enfeites, com muitas fitas, laços e penachos. Com a morte do padre Francisco, o padre sucessor proibiu a festa alegando ser profana, essa proibição foi o ponto que desencadeou a festa nos moldes que é feita hoje, no carnaval. Como era um ato proibido, os cavaleiros participantes eram considerados “infratores” e estes não poderiam ser identificados, isso explica o uso das máscaras. A resistência do povo de Bonfim em manter essa identidade cultural fez com que houvesse a manutenção da festa visse o cavaleiro como um “herói” por dar manutenção nos processos da festividade, mesmo quando estes pudessem ser ameaçados pelas “teias do esquecimento”. Segundo Candau (2012) incontestavelmente, a sensibilidade patrimonial se exacerbou ao mesmo tempo em que as sociedades conheceram uma mutação acelerada e temiam, portanto, pela perda e pelo esquecimento. Assim, garantir a existência no tempo presente de fatos que representem o patrimônio de uma coletividade é o papel de uma parcela da sociedade, que terá como função manter a existência desses elementos simbólicos.

128

Os cavaleiros mascarados tinham suas vestimentas feitas por muito cuidado e mantidas em segredo até o dia da festa, geralmente feita na sexta feira de carnaval anunciada por um fazendeiro de nome José dos Passos da Silva Pereira, montado em uma égua de cor branca acompanhado de sua escrava de confiança chamada Generosa. (CAMPOS,1990). Para a tranquila cidade de Bonfim era o anúncio que a festa iria começar, com tiros e chuvas de flores, tal tradição foi se modificando e foram introduzidos confetes e fitas, como observado na figura 2.

Figura 2 : Cavaleiros com máscara na cidade de Bonfim.MG



Fonte: arquivo pessoal

A festa a cavalo de Bonfim tornou-se o patrimônio da cidade, enraizou-se na memória coletiva da cidade. Os traços medievais se reatualizaram na representação simbólica do povo bonfinense. Segundo Candau (2012) as representações do patrimônio como bens partilhados no interior de um grupo particular e como expressão de uma comunidade específica conduz, muito facilmente, as tentativas de naturalização da cultura, num esforço de enraizamento na “terra natal” – que é também aquele dos mortos – ou no território nacional. Portanto, a comunidade resiste a todas as imposições, barreiras, sejam elas quais forem, e preserva a construção da identidade no tempo. A resistência do povo de Bonfim em preservar o “ritual” da festa a cavalos construiu uma memória coletiva de resistência que faz o povo de Bonfim se entender dentro de uma manifestação muito específica.

### A FESTA A CAVALOS: A MEMÓRIA COLETIVA DO POVO BONFINENSE.

Diante do exposto, observa-se que a antropologia contesta que em praticamente todas as culturas você tem rituais de rompimento com as normas, com as regras, como observado na história do Cavalaria de Bonfim.MG. E o Carnaval é justamente um desses rituais. Esse tempo do Carnaval, ou tempo do ritual de quebra de regras, é um tempo para revigorar as próprias regras.

O carnaval de forma ampla e também praticado em Bonfim, interior das Minas Gerais, funciona no sentido de evocar um mundo subjacente, imaginário sob a forma da vida cotidiana, que ao dar espaço e forma para que aflorem identidades diversas e ou evocando uma identidade mais ampla. O rito, como apontado por Augé (1989) tem por finalidade precisar efeitos sobre a consciência da identidade grupal.

O carnaval é a festa das ambiguidades, os sujeitos mascarados celebram não as identidades, mas a capacidade de transmutá-las na fantasia de todos, entre todos, trazendo a máscara como seu símbolo mais universal.

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo: a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização dos apelidos; a máscara encarna o princípio do jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e dos espetáculos. (Bakhtin, 1987).

O estado de carnaval faz lembrar para a sociedade como um todo e que as próprias identidades encenadas são liminares, ou seja, estão entre aquilo que se permite socialmente e o que poderiam ser em outro estado de magia. Máscaras e carnavais não levam a uma igualdade entre as diversas identidades que antes eram distintas mas sim à abolição de identidades fixas e estáveis e à adoção em que todos os personagens se opõem numa relação mais maleável com as suas próprias identidades, atrás de suas fantasias que escolhem para proteger sua vulnerabilidade.

No carnaval a cavalos em Bonfim.MG, os cavaleiros são representados como tipos de seres misteriosos, e por um instante lhe é permitido “existir”, se tornam visíveis na desordem carnavalesca, e logo que esta desordem se estabeleça já não haverá mais espaço para eles. O colocar das máscaras se institui uma maneira diferente de se enxergar

129

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

o “eu”, que é a identidade individual do cavaleiro, mas que faz parte de um conjunto de transformações que representam uma memória coletiva. Segundo Halbwachs (2006) no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de frequentemente em contato com ele.

É importante lembrar também que hoje o catolicismo não goza mais do monopólio como bens de salvação, durante todo o período colonial e parte do imperial ele exerceu importante função dentro dos arranjos sociais constituídos no Brasil, como se deu no início da cavalaria no interior do estado das Minas Gerais. Tal influência possui uma sólida e forte tendência de continuidade na concepção religiosa, na concepção de mundo e na sociedade que se moldaram ao longo de nossa história até o presente. É também bom lembrar que, durante a maior parte da história do Brasil a religião ocupou um lugar constante e privilegiado nas manifestações públicas. Sua influência vai além da constituição de ideias, mas estende-se à fragmentação na sociedade, de formas de se comportar e de se estar junto em sociedade, antepostas na concepção hierárquica do catolicismo oficial aliado à concepção comunitária presente na “religiosidade popular”, geralmente festiva.

Dessa forma, pode-se dizer que, hoje, manifestações religioso-festivas como o Carnaval em Cavalos ganham um novo paradigma de existência, diante das profundas mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro, pois, em sua dinamicidade, reúnem aspectos da comunidade, da igreja e da mística (STEIL, 2003), permitindo o pertencimento da religiosidade transversal contemporânea, seja ele concomitante ao catolicismo ou não. Além disso, a pertença a tais manifestações e a notoriedade pública proporcionada por ela constitui, também, capital cultural individual e coletivo, que possibilita uma afirmação de identidade cultural e pertencimento a um grupo, além da atribuição a tais manifestações do *status* de patrimônio cultural.

130

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa do carnaval a cavalos de Bonfim em Minas Gerais nos possibilita viajar ao passado e realizar uma aventura antropológica aproximando passado e presente e nos faz reencontrar costumes medievais de uma época em plena modernidade. As estratégias de preservação da festa de Bonfim conseguiram romper com as perseguições cristãs, as vestimentas foram modificadas ao longo do tempo, o uso de máscaras, adornos com muito brilho e glamour dando características mais específicas á festividade.

Essas festividades simbólicas guardam também importante vínculo com a organização social mesma de suas competições, estabelecendo relações diversas com as cidades que as promovem. A natureza e o sucesso espetacular do carnaval a cavalos imperam sobre consistentes bases culturais, aqui propostas à investigação antropológica da cultura popular contemporânea para entender a memória coletiva do povo de Bonfim.

O cristianismo, na sua versão católica, foi efetivamente um fator decisivo na configuração da presente cavalaria, como cultura popular mineira, embora nos tempos atuais o carnaval é considerado uma festa profana, indo contrariamente ao real significado da festa de Bonfim, cujo proposito real é trazer alegria aos turistas e bonfinenses.

Portanto, distinções entre a manifestação da arte e das práticas populares, são, nesse sentido, decorrentes de especulações antigas e seculares. É importante lembrar, que

esse campo de pesquisa é cada vez mais instigante e permanente, à medida que deparamo-nos com a espetacularização do cotidiano de nossas sociedades.

Nesse sentido, é essencial ter sempre em evolução e em mente que a informação cultural e antropológica é de suma importância, em como a manutenção de estudos sobre “ manifestações culturais”.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Os dois ritos e seus mitos: a política como ritual, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo : Hucitec, 1987
- CARNEIRO, Édison. Folgedos tradicionais. Rio de Janeiro : Fundação Nacional de Arte, 1982.
- CAMPOS, José Eustáquio de ,1951 – A estória da história do Carnaval a Cavalos, Belo Horizonte, Carvale, 1990.
- CANAU, Joel. Memória e identidade. Trad. Maria Leticia Ferreira. SP, CONTEXTO, 2012.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. SP : Martins Fontes, 1996 [1912].
- FERRETTI, Sérgio. A dança do Lêle na cidade de Rosário no Maranhão. São Luís, MA FUNCMA ; Sioge, 1978. v.1. \_\_\_\_\_. Repensando o sincretismo. São Paulo ; São Luís : Edusp ; Fapema, 1995.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Rio de Janeiro : Imago, 2005 [1913].
- HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou, SP, Centauro, 2006.
- PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58
- STEIL, Carlos Alberto. “Da comunidade à mística”. *Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, Número Especial: Passagem de Milênio e Pluralismo Religiosos na Sociedade Brasileira, p.144-155, 2003.
- VALERI, V. Rito. Enciclopédia Einaudi. Lisboa : Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994

131

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A